

ENTRE O SONHO E A REALIDADE: YOUTUBERS POR UM DIA

Lauriana Paiva

Liliana Mendes

RESUMO

Entre o sonho e a realidade: youtubers por um dia é um projeto pedagógico que visou a construção de um canal no YouTube, o Clubinho de Históri@s, desenvolvido nas turmas de terceiro ano, do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi estruturado a partir das narrativas dos alunos, no processo de escolarização. O canal possibilita, por meio do texto digital (vídeos), o compartilhamento de conteúdo das práticas leitoras dos alunos, através da experiência de serem Pequenos Contadores de Histórias. Nesta experiência pedagógica piloto, buscamos reorganizar o trabalho de Língua Portuguesa, Geografia e História de uma das turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental (30 alunos), na faixa etária dos 8-9 anos de um colégio público federal, na cidade de Juiz de Fora/MG. A situação problema motivadora do presente trabalho foi: como reorganizar o trabalho do terceiro ano do Ensino Fundamental, no tocante ao desenvolvimento de uma proposta pedagógica que atenda e estimule o potencial de um aluno com altas habilidades-superdotação (AH-SD) – na área da linguagem – e também o potencial de um aluno com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), numa turma heterogênea e com extremos no ponto de vista da aprendizagem da aquisição da língua escrita?

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escrita; letramento digital; educação inclusiva.

BETWEEN DREAM AND REALITY: YOUTUBERS FOR A DAY**ABSTRACT**

Between dream and reality: youtubers for a day, is a pedagogical project aimed at building a YouTube channel, the Clubinho de Históri@s, developed in the third year classes of the João XXIII Application College of the Federal University of Juiz de Fora. It was structured from the students' narratives, in the schooling process. The channel makes it possible, through digital text (videos), to share the content of students' reading practices through the experience of being Small Storytellers. In this pilot pedagogical experience, we seek to reorganize the work of Portuguese Language, Geography and History of one of the third year classes of elementary school (30 students) in the age group of 8-9 years of a federal public college, in the city of Juiz de Fora / MG. The problem that motivated the present work was: how to reorganize the work of the third year of elementary school, with regard to the development of a pedagogical proposal that meets and stimulates the potential of a student with High Skills-Giftedness (HA/D) - in language - and also the potential of a student with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), in a heterogeneous class and with extremes in terms of learning to acquire written language?

KEYWORDS: reading; writing; digital literacy; inclusive education.

Justificativa

O trabalho em relato foi realizado com alunos das turmas do terceiro ano do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF, na faixa etária dos 8-9 anos, de uma escola pública federal, vinculada à Universidade, onde estudam alunos de todas as regiões da cidade e de todos os grupos socioeconômicos. Na escola, a organização do currículo por disciplinas tem início já no segundo ano do ensino fundamental, de forma que os alunos convivem, desde muito cedo, com professores de áreas diferentes. O referido trabalho foi desenvolvido a partir de um projeto apresentado pelas professoras de Língua Portuguesa.

No início de cada ano escolar, ocorre em nossa escola uma Reunião Pedagógica de passagem de turma. Já naquele momento, sabia que teria uma turma com particularidades específicas a serem trabalhadas, com conflitos externos ao espaço escolar que desembocavam na sala de aula, e que, do ponto de vista da aprendizagem da aquisição da Língua Escrita, apresentava a maior concentração de alunos que precisavam de atenção para conclusão do processo de alfabetização, talvez a turma mais heterogênea com que já tenha trabalhado neste quesito também.

Por outro lado, dois extremos no que se refere à educação especial-inclusiva. Um aluno com laudo de Mielomeningocele com evolução, com dificuldade escolar devido ao Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e outro com altas habilidades-super dotação (AH-SD).

E uma **situação problema**, qual seja: como reorganizar o trabalho de Língua Portuguesa do terceiro ano do Ensino Fundamental, no tocante ao desenvolvimento de uma proposta pedagógica que atenda e estimule o potencial do aluno com AH-SD na área da linguagem, ao aluno com TDAH, numa turma heterogênea e com extremos, no ponto de vista da aprendizagem da aquisição da língua escrita? Indagava-me.

Concretamente, o que tínhamos previamente como possibilidade para desenvolvimento do trabalho seria intensificar as práticas de leitura e as produções de texto com Diários de Leitura, no qual cada aluno, em seu tempo, registra suas práticas como leitores.

Entretanto, esta atividade não demandou o interesse que imaginávamos das turmas, especialmente, do aluno com AH-SD. O que acreditávamos ser um projeto de enriquecimento, pela primeira vez, nos cinco anos em que trabalhamos com Diário de Leitura, não obteve os resultados esperados. Tivemos que buscar alternativas.

Estávamos, na ocasião, fazendo um curso de formação de Contadores de Histórias. Estaria, no ato milenar de contar histórias, uma possibilidade de resposta para a situação-problema vivida naquele momento? Indagávamos.

Resolvemos acreditar no poder das histórias ouvidas e contadas, bem como na possibilidade de incentivar os alunos a serem pequenos contadores de histórias. Atrelado a este nosso momento formativo, sempre antes do início das aulas, ou nos intervalos, escutávamos relatos dos alunos com relação ao grande contato deles com *youtubers*. Estes externalizavam, por vários momentos, que “o maior sonho que tinham era de se tornarem *youtubers*”.

Foi, então, que passamos a ter outro olhar sobre os canais do *YouTube* e começamos a pensar neste ambiente digital como um estímulo para que as crianças conhecessem e compartilhassem novos livros e experiências literárias, para além das paredes da sala de aula e dos muros da escola, compartilhando histórias narradas pelas crianças, a saber: mitos, lendas, causos, vivências, narrativas pessoais, sociais, etc.

Apresentamos então às crianças, a proposta de construção de um Canal no *YouTube*, que eles nomearam de *Clubinho de Históri@si* e começamos a desenvolver a proposta a partir dos objetivos a seguir:

Objetivos

- Construir um canal com as histórias contadas pelos alunos, pequenos contadores de histórias, compartilhando seus repertórios de histórias e suas práticas leitoras para além do espaço da sala de aula;

- Utilizar as tecnologias digitais de comunicação e informação de forma significativa e reflexiva a partir do trabalho interdisciplinar do terceiro ano do Ensino Fundamental estimulando o potencial de alunos com AH-SD, na área da linguagem, e também ao aluno com TDAH, numa turma heterogênea e com extremos, no ponto de vista da aprendizagem da aquisição da língua escrita.

Os objetivos gerais supracitados se delinearão nos seguintes **objetivos específicos:**

- Possibilitar momentos de leitura, escuta e produção de textos orais pelas crianças no processo de escolarização e partilhá-los e compartilhá-los para além das paredes da sala de aula e dos muros da escola, através da veiculação no espaço digital, possibilitando assim com que a leitura, a escrita e os textos orais (mitos, lendas, causos, vivências, narrativas pessoais e sociais, dentre outros) tenham um sentido para além dos limites das aulas curriculares;

- Envolver as crianças em práticas de leitura literária valorizando a literatura infantil como forma de acesso às dimensões do imaginário e do encantamento, reconhecendo o potencial das experiências com a literatura no tocante à elaboração dos sentimentos e emoções na infância. Debater as situações problema

vividas pelos personagens na busca de compreensão e soluções às questões levantadas.

- Desenvolver experiências de promoção à leitura para além *best-sellers* através de atividades pedagógicas de incentivo à leitura dos clássicos da literatura infantil, articuladas entre a teoria e a prática durante as aulas de Biblioteca.

- Trabalhar com roda de contação de história, incentivando práticas constantes de contar e ouvi-las, buscando tanto o resgate da oralidade da linguagem literária quanto a escuta atenta, na busca da escuta pela voz do coração na qual as palavras tecem o sonhar e o imaginar.

- Envolver as famílias no trabalho literário desenvolvido especialmente no contar histórias, a fim de se fortalecer o vínculo família-escola, através da Mochila Literária, uma espécie de acervo itinerante.

- Corroborar a relevância do Cap. João XXIII/UFJF no tocante ao desenvolvimento e aplicação de novas abordagens teórico-metodológicas no trabalho pedagógico, especialmente no tocante à aquisição da leitura, da produção de texto (oral e escrito) no contexto atual;

Conteúdos Curriculares

Assim, as ações de incentivo à leitura e à oralidade que desenvolvemos não ocorrem de forma isolada das demais ações da escola, ao contrário, dialogaram com estas. Deste modo, a proposta de trabalho aqui relatado comungou com os **conteúdos de ensino e expectativas de aprendizagem** dos terceiros ano em todas as turmas da escola, quais são:

- (Re)conhecimento dos seguintes suportes de texto: livros de literatura, gibis, livro de receitas;
- Práticas de Leitura dos seguintes gêneros textuais: poemas, receitas, lendas, contos, narrativas infantis, provérbios e expressões populares, histórias em quadrinhos, verbetes, bilhetes, fábulas;
- Produção dos seguintes suportes textuais (impressos, manuscritos e digitais): dicionários poéticos ilustrados, cartões, cartazes, agendas, cadernos de receita, livros literários;
- Produção de textos dos seguintes gêneros: relato autobiográfico, texto descritivo, narrativas, fábulas, quadrinhos, receitas, listas, verbetes, bilhetes, mensagens, regras, receitas, quadras poéticas;

- Produção dos seguintes gêneros orais: debates, relatos, mitos, lendas, causos, vivências, narrativas pessoais, sociais etc.
- Conhecimentos linguísticos: adequação da escrita à norma culta, em função do gênero, adequação da escrita às normas ortográficas (em especial o trabalho com formação de sílabas não canônicas, encontros consonantais e dígrafos), uso dos sinais de pontuação em finais de frase, uso do travessão em diálogos, emprego de maiúsculas em nomes próprios e no início de frases;
- Conhecimentos textuais: tipos de discurso (primeira e terceira pessoa), tipos de narrador (observador e participante);
- Conhecimentos lexicais e semânticos: emprego de sinônimos e antônimos no contexto do texto, compreensão de expressões idiomáticas, metáforas.

Metodologia

O Colégio em que a experiência relatada se desenvolveu tem várias ações pautadas nas práticas de letramento literário do espaço escolar. Há, no currículo, o espaço reservado para Oficina Literária, aulas de Biblioteca com empréstimo de livros semanalmente para crianças, assim como anualmente a Feira Literária, na qual participamos da Comissão Organizadora.

Cabe ressaltarmos, também, que nossa escola possui três turmas nos terceiros anos do Ensino Fundamental, as quais participaram das ações e planejamento coletivo no tocante ao ensino da Língua Portuguesa, tais como: Lanche coletivo literário; Gibiteca; Mochila Literária; Passaporte Leitor; PicNic Maravilhoso; De onde vêm as ideias? contato com autores; Excursão literária Festa Literária de MG; Dicionário Poético Bilíngue (este construído em colaboração com professores de Língua Inglesa); Caçada na Cozinha; Atlas do Mundo da Imaginação; Livro Rolo com Pergaminhos Encantados (estes três últimos construído nas aulas de geografia e história, também ministradas por mim, na turma na qual desenvolvi a presente prática).

Em se tratando do projeto Clubinho de Históri@s, dentre os caminhos metodológicos seguidos para o desenvolvimento da experiência pedagógica aqui relatada, percorremos as etapas que se seguem:

Etapa 1: Leitura deleite

Sem objetivos didático-pedagógicos, reservávamos quase que diariamente alguns minutos das aulas para que as crianças pudessem ler pelo simples prazer de ler. Tal prática ajuda com que os alunos compreendam que o ato de ler pode ter várias finalidades, em diferentes momentos: podemos ler para localizarmos alguma informação, para revisarmos os textos que produzimos, para seguirmos instruções ou, simplesmente, por prazer. Em alguns momentos, eu lia para as crianças, em outros eles tinham acesso à Biblioteca de sala, composta com acervo de livros para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano do Programa Alfabetização na Idade Certa do MEC, com vários textos (e gêneros), o que permitia que as crianças conhecessem diversos autores e estilos de escrita.

Etapa 2: Empréstimo de livro na Biblioteca

O presente relato se deu na reconfiguração das aulas regulares de Biblioteca. As aulas de Biblioteca estão na grade curricular das crianças e acontecem, em nosso Colégio, uma vez por semana, com empréstimo de livros agendados, em que os alunos escolhiam três títulos semanais.

Pensando num formato diferente, passamos por dois grandes momentos de reestruturação (no terceiro ano do Ensino Fundamental). No primeiro trimestre, em cada aula, um capítulo da HQ "Lúcio e os Livros", de autoria de Ziraldo (Editora Globo, 2013), também do acervo de livros para uso nas salas de aula do 1º ao 3º ano do Programa Alfabetização na Idade Certa do MEC, era lido e discutido.

Conversávamos a partir da paixão do Lúcio, personagem principal da obra, acerca do mundo dos livros e das histórias, sobre como o livro era produzido, como eles imaginavam que os escritores tinham ideias (era unânime perceber que eles acreditam que os escritores nascem com as histórias nas cabeças, (foi necessário desconstruir este falso pressuposto), conheceram o processo de construção do livro, as formas de localização, ficha catalográfica etc. E, após as discussões, os alunos se dirigiam ao espaço da Biblioteca para fazer suas devoluções e empréstimos semanais.

Etapa 3: Leitura dos livros pelos alunos

Ao retornarem à sala, a partir das escolhas da Biblioteca, ao invés de guardarem os livros na mochila, as crianças iniciavam suas viagens literárias, na sala mesmo, não precisavam chegar em casa para iniciarem suas aventuras pelo mundo da leitura.

Etapa 4: Produção de Propagandas literárias

Alunos produziam propagandas das viagens literárias realizadas para incentivar seus colegas, na leitura dos livros. Este *marketing* literário ora se dava na forma do registro, em formato de panfletos, ora se dava oralmente, ao apresentarem suas viagens literárias aos colegas, com o intuito de despertarem interesse dos ouvintes pela leitura.

Etapa 5: Registro no Diário de Leitura

Pela avaliação diagnóstica, na qual percebemos grande interesse das crianças na leitura dos Diários (“Diário de um Banana”, “Diário de uma garota nada popular”, dentre outros nesta linha editorial), partimos do interesse prévio dos alunos leitores pelo gênero Diário e as crianças passaram a registrar as leituras semanais em seus respectivos Diários de Leitura.

Entretanto, no decorrer desta etapa do trabalho foi percebido o desinteresse das crianças. Confesso que minha inquietação foi tamanha quando percebi que esta estratégia metodológica além de não motivar a turma se tornou desinteressante e enfadonha aos alunos. Foi quando trouxe o sonho das crianças de serem *youtuber* para sala de aula.

Se a contação de histórias pode contribuir na aprendizagem escolar em todos os aspectos sejam eles cognitivo, físico, psicológico, moral ou sociais, proporcionando um maior desenvolvimento das crianças, me fez começar a refletir acerca das possibilidades do ato de contar e ouvir histórias, no tocante à aprendizagem dos conteúdos, na socialização, na comunicação, no não cerceamento da criatividade, na (re)significação dos sentimentos e emoções, questões necessárias ao enfrentamento do trabalho com todos as crianças.

Etapa 6: Me conta uma história? Registro escrito

Ao percebermos o desinteresse das crianças pelos registros escritos nos Diário de Leitura e, por outro lado, interesse das crianças pelos textos orais (vídeos), conversei com as crianças acerca da importância do interlocutor na produção de vídeos, de se fazer entender. Assim, montamos uma orientação para que as histórias fossem contadas oralmente, mas com todas as informações importantes para quem assistisse, de modo que o acesso à história contada se fizesse compreender. Ressaltamos, ainda, a importância do começo, do meio e do fim, seja na contação oral, seja no registro das histórias.

Etapa 7: Troca de Histórias

Os alunos trocavam os registros das histórias entre si, comentavam os registros dos colegas, corrigiam os desvios ortográficos a partir de nossa legenda de correção. Estas fichas eram coladas no Diário de Leitura, que devido aos desdobramentos do trabalho, configurou-me mais como um Diário de Histórias, com as memórias das histórias lidas e construídas pelos alunos Contadores de Histórias, integrantes do Clubinho de Históri@s.

Etapa 8: Socialização oral das histórias com a turma

Os alunos liam seus registros para o coletivo. Alguns conheciam as histórias, traziam novos elementos, outros conheciam versões diferentes, dialogavam a partir de suas experiências como leitores e de suas práticas. Neste momento, percebi que muitos alunos se tornaram autores de sua história. Lembro-me que um aluno, ao escutar um aluno contar a história do "João que gostava de feijão", indaguei ao pequeno contador de histórias:

- “Mas, esta história existe mesmo?”
- Claro que sim, professora!
- E quem é o autor?
- Isso eu não sei não, porque acabou de sair da minha cabeça e, se eu contei para você, agora ela existe, né?!”

A partir deste dia, começamos a receber várias cartinhas com histórias que as crianças escreviam e queriam contar.

Etapa 9: Roda de Histórias com alunos contadores de histórias e gravação dos episódios

No segundo semestre, nas aulas de Biblioteca, passamos a frequentar o espaço da Biblioteca. Os alunos em roda contavam suas histórias. Inspiradas na experiência de um dos maiores contadores de História da atualidade, Gregório Filho, idealizador das Casas de Leitura, em nosso país, escolhemos a “Cadeira do Contador” que se sentava para contar suas histórias enquanto ouvíamos e eternizávamos este momento através da gravação em vídeo.

Após estes momentos de ouvir as histórias, as próprias crianças, ao se verem ou verem os colegas nas gravações, conversavam sobre os vídeos, davam dicas de enquadramento. Alguns pediam para contarem outras histórias ou regravarem a mesma, pois tinham esquecido alguns elementos importantes para a compreensão da história e que, no primeiro momento, haviam esquecido de narrar.

Etapa 10: Publicação no Canal do YouTubeⁱⁱ Clubinho de Histórias e lançamento do Canal com self com alunos youtubers

O produto final do projeto foi a construção de um canal no *Youtube*, o Clubinho de Históri@s. Tal trabalho possibilitou que a experiência desenvolvida ultrapassasse as paredes da sala de aula e que o conteúdo produzido pelo trabalho, na sala de aula regular, tivesse um sentido social. Os momentos e narrativas das histórias eternizadas.

Avaliação

O trabalho foi realizado numa escola pública federal, onde estudam alunos com perfis bastante heterogêneos e de todos os grupos socioeconômicos. O ingresso se dá por sorteio público, o que permite o atendimento de crianças de todas as regiões da cidade.

Temos assim, crianças com estrutura familiar bastante favorável, entretanto, contamos com um número significativo de alunos que se encontram em vulnerabilidade social e alunos que, para se manterem na escola, necessitam de programas de apoio.

Na escola, a organização do currículo por disciplinas tem início já no segundo ano do ensino fundamental, de forma que os alunos convivam, desde muito cedo, com professores de áreas diferentes.

O referido trabalho piloto por nós desenvolvido atendeu, no primeiro momento, 30 alunos, na faixa etária dos 8-9 anos diretamente.

Tratava-se de uma turma com particularidades específicas a serem trabalhadas, como já assinalamos no item anterior. Era necessário o desenvolvimento de um trabalho que possibilitasse: cerca de 1/3 da turma concluir seu processo de alfabetização; buscar alternativas de enriquecimento curricular para aluno com AH-SD; desenvolver trabalhos individualizados para atendimento de aluno com TDAH, ou seja,

trabalhos diferenciados que de alguma forma atendessem a todos, cada qual a seu tempo e momento.

Ao iniciarmos nosso trabalho, fizemos algumas **avaliações diagnósticas**. Uma no tocante ao processo de alfabetização e duas outras, no sentido de mapearmos quais eram os principais autores e livros lidos pelos alunos.

Fizemos dois levantamentos, a saber: levantamento dos hábitos de leitura das crianças; e dos livros mais significativos que marcaram a infância dos alunos, com relato de livros que mexeram com sentimentos.

Tal levantamento nos apontou, no tocante às práticas leitoras da turma: grande número de empréstimos, nas aulas de Biblioteca, e relatos dos alunos de busca por livros fora do espaço escolar, uma literatura de massa, representada como *best-sellers*, que por privilegiarem uma linguagem mais acessível que os livros de literatura infantil clássicos, com enredos envolventes, seduzem os pequenos leitores através de composições simples.

Ao percebermos este paradoxo, qual seja: de um lado o aumento da leitura em massa e, por outro, o desinteresse de crianças pela leitura dos clássicos da literatura infantil, a partir da avaliação diagnóstica, constatamos um grande interesse das crianças pela leitura dos Diários (Ex.: "Diário de um Banana", "Diário de uma garota nada popular", dentre outros nesta linha editorial).

O interesse dos pequenos leitores pelos Diáriosⁱⁱⁱ possibilitou a construção de práticas de letramento literário a partir da construção dos Diários de Leitura das crianças. Para, posteriormente, trabalharmos com os clássicos da literatura. Com isso, nosso intuito era partir da leitura do meio social das crianças para iniciar a formação do leitor erudito. Nesse processo, chegamos a ter alunos que construíram três volumes de seus próprios Diários de Leitura, em anos anteriores.

Entretanto, não mapeamos o suporte de veiculação dos textos dos pequenos leitores. Durante o trabalho, percebemos que mais do que a leitura do texto impresso, o perfil de nossos alunos da “geração polegarzinha”^{iv} mudou, nos últimos cinco anos e, com esta mudança, as práticas de leitura também se modificaram. Embora os interesses tenham se mantido nos *best-sellers*, o acesso vinha se dando pelos *booktubers*, mediadores de leitura nas comunidades de leitores do YouTube. E, nesta turma em específico, constatamos um maior contato.

De acordo com estudos de Serres (2013), ao se remeter ao jovem de hoje em dia, que não se desliga do mundo virtual e tem como maior companheiro o celular, o *laptop*, o *tablet*, aponta que estes alunos não se adaptam aos tradicionais métodos de ensino, preferindo aprendizados por meio digital, e que muitos, quando possuem acesso às tecnologias digitais, já chegam em sala de aula com conhecimentos sobre muitos assuntos que serão abordados em aula - o sonho de ser um *youtuber*.

A nova forma de estar e de compreender o mundo vem modificando a(s) infância(a), no tempo espaço atual, a partir do uso social que as crianças da geração digital estão a fazer das novas tecnologias. Tal constatação nos fez refletir acerca da importância de ampliarmos a perspectiva do letrar que norteava nossa prática pedagógica, nos anos iniciais, pensando no enfrentamento teórico metodológico do alfabetizar letrando, digitalmente.

Faz-se necessário, portanto, levar os modos de produção dos novos textos construídos e veiculados na sociedade atual, bem como os novos eventos de letramento, para espaços da sala de aula, de forma a desenvolvermos nos alunos competências linguísticas, no que se refere à leitura e à produção dos novos textos tangidos pela hipertextualidade. Por isso, é urgente trabalharmos, na escola, situações semelhantes às

existentes no ambiente social, implicando, por exemplo, trabalhar o texto para além de seu suporte no papel, para além do impresso, torna-se fundamental.

E nos permitimos, sem perder de vista os conteúdos a serem trabalhos, viver este sonho das crianças, juntamente com elas, afinal, como diz o poeta: *"Sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha juntos é Realidade"*^v, e, assim, começamos a dar materialidade ao sonho, desenvolvendo-o nas aulas de Biblioteca, Língua Portuguesa, História e Geografia, mediante ações que valorizem a arte de contar histórias, na promoção da leitura numa perspectiva intertextual e inclusiva.

Ao avaliarmos, de maneira formativa e constante, o trabalho com o ensino de Língua Portuguesa, analisamos todas as produções orais e escritas realizadas pelas crianças, nas diferentes etapas de desenvolvimento do projeto assim organizado. Verificamos, com base nas produções e nas interações das crianças com os colegas, que as experiências e vivências com a linguagem oral por meio do ato de contar histórias foram ampliadas e dotadas de mais sentido. Evidenciou-se, portanto, que a construção do Canal Clubinho de Históri@s conferiu autenticidade às práticas de linguagem realizadas e tornou os gêneros estudados, efetivamente, gêneros para comunicar.

A leitura, a produção de textos e o ato de contar histórias deixaram de ser atividades meramente escolares para se tornarem práticas de linguagem, mediante as quais as crianças aprendiam não só sobre as histórias, mas também a elaborarem sentimentos.

Como instrumentos avaliativos, ênfase especial foi dada à **avaliação diagnóstica**, já descrita no item correspondente a esta forma avaliativa.

Realizamos também **autoavaliação discente**, no processo de ensino aprendizagem, necessária à tomada de consciência, por parte dos alunos do percurso de aprendizagem, a fim de que tenham elementos para criar consciência do processo, do que já se avançou e do que precisa ser melhorado, ao analisarem vídeos construídos com histórias por eles narradas, quando alunos se colocavam como detetives dos textos à procura dos desvios sintáticos e semânticos, nas fichas “Me conta uma história”.

Outro recurso utilizado para autoavaliação discente foi o *Pote de Memórias*, em que as crianças registraram em papéis coloridos todas as vivências e aprendizados significativos para eles, no decorrer do trabalho desenvolvido no ano de 2017. Assim, tivemos: cor rosa para memórias literárias; cor verde para conteúdos aprendidos nas disciplinas; cor azul para lembranças da escola; cor amarela para lembranças dos melhores amigos; cor branca para lembranças dos sonhos de criança de 9 anos.

Compreendo a avaliação como um dos temas que mais carecem de discussões pedagógicas. Em toda nossa prática como docente, procuramos envolver as constantes práticas avaliativas como ações embrincadas nas respectivas etapas do nosso trabalho pedagógico. Buscamos tratar com naturalidade as práticas avaliativas com as crianças. O “erro” faz parte do processo, e refazer e reconstruir são desafios a serem vencidos todos os dias, em todos os espaços da vida. Assim, a avaliação, nesta experiência pedagógica, estava para além das notas, já que teve uma dimensão formativa.

Acredito que as metas traçadas foram alcançadas, ao buscarmos utilizar as tecnologias digitais de comunicação e informação, de forma significativa e reflexiva, a partir do trabalho interdisciplinar no terceiro ano do Ensino Fundamental. Em nossa análise, estimulamos o potencial de todos os alunos, numa perspectiva inclusiva de educação, mediante a

construção de um canal com as histórias contadas pelos alunos, pequenos contadores de histórias, compartilhando assim, seus repertórios de histórias e suas práticas leitoras para além do espaço da sala de aula.

REFERÊNCIAS

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. (Trad. Jorge Bastos). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96p.

ⁱ O projeto Clubinho de Históri@s, recebeu Menção Honrosa no Prêmio Ricardo Oiticica - O melhor em práticas leitoras Edição 2018 da Cátedra de Leitura da UNESCO (PUC-RIO).

ⁱⁱ Disponível em: <http://www.ufjf.br/ciberteca/bibliotecas-virtuais/vidoteca/clubinho-de-historias/>

ⁱⁱⁱ Tal constatação se repete, no último quinquênio, desde que começamos a mapear os hábitos de leitura de nossos alunos, no ano final do bloco de alfabetização. Foi quando incorporamos a prática de construção de Diários de Leitura, no labor de cada dia, movidos pelo enfrentamento da contradição assinalada.

^{iv} SERRES, Michel. **Polegarzinha**. (Trad. Jorge Bastos). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96p.

^v A letra da música "Prelúdio" de Raul Seixas.